

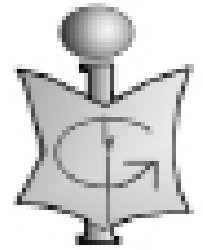


Boletim Informativo
do Curso de Geografia
da Universidade
Estadual de Santa
Cruz – UESC
Ilhéus-BA.

Ano X – Nº 20
Nov/Dez- 2010

INFORME GEOGRAFICO

ISSN 1982-3039



Desigualdade, vulnerabilidade social e ampliação da violência homicida em cidades médias do Brasil: um estudo de caso de Itabuna e Ilhéus

O crescimento sistemático da criminalidade urbana, em particular das taxas de mortalidade por homicídios nas cidades médias brasileiras, é um dos fenômenos sociais que mais tem chamado a atenção dos estudiosos e da sociedade de modo geral. Em curso está um processo que aqui denominamos de descentralização/interiorização do fenômeno da criminalidade violenta - antes de predomínio dos grandes centros urbanos - com evidente mudança no mapa da violência homicida do país.

Diversos são os fatores ligados ao avanço desse fenômeno, a saber: urbanização acelerada, má distribuição de renda, ampliação do quadro de exclusão social e da criação de territórios marginalizados dentre outros. Assim, multifacetária em suas origens, a escalada da criminalidade violenta nas cidades de porte médio tem entre as suas principais vítimas adolescentes e adultos jovens, nas faixas etárias de 15 a 24 anos, principalmente do sexo masculino, pobre, de baixa escolaridade, de cor negra e com envolvimento com drogas. Esse aspecto direciona para a compreensão de que os riscos de mortalidade por homicídios são bastante diferenciados segundo as condições de vida dos grupos sociais.

Segundo dados do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, no Brasil são registrados anualmente aproximados 50 mil homicídios, o que representa 137 vítimas diárias. Número bem maior que um massacre do Carandiru¹ a cada dia.



Entre as cidades médias do estado da Bahia a violência está adquirindo caráter epidêmico e os índices de homicídios que já são bastante altos apresentam tendências preocupantes de crescimento, revelando uma situação extremamente grave. Obviamente que esse aumento acentuado da violência homicida não é uma característica apenas das cidades médias baianas, mas se estende a todos os estados brasileiros. No entanto, é consenso entre os estudiosos que o aumento desse fenômeno no estado tem atingido proporções preocupantes, saltando de uma taxa geral de homicídios de 9,50 (/100 mil habitantes) em 2000, para impressionantes 29,20 (/100 mil habitantes) em 2008.

Assim, com gravíssimos problemas relacionados à urbanização acelerada e expressivas desigualdades sócio-espaciais as cidades de Itabuna e Ilhéus - importantes polos regionais do Sul da Bahia - reproduzem tragicamente o aumento das suas taxas de homicídios, sobretudo entre adolescentes e adultos jovens. Juntas essas cidades totalizam uma população de

aproximadamente 450 mil habitantes e registram desde as últimas décadas elevadas taxas de urbanização, reflexo da pior crise que atingiu a Região Cacaueira - a crise na lavoura cacaueira gerou um grande fluxo migratório da zona rural para a zona urbana - esta centrada nos polos econômicos de Ilhéus e Itabuna.

A crise na lavoura cacaueira alterou toda a estrutura econômica e social da região, provocando um intenso êxodo rural seguido do elevado incremento populacional nos centros urbanos maiores (Ilhéus e Itabuna). Esse quadro gerou um agravamento nas questões de emprego, renda e habitação, tornando ambas as cidades problemáticas com o crescimento de favelas, da marginalidade, desemprego e criminalidade.

Segundo as informações evidenciadas no "Mapa da Violência 2010: Anatomia dos Homicídios no Brasil", as cidades de Itabuna e Ilhéus ocupam respectivamente as posições de 26º e 164º no ranking das cidades brasileiras segundo as taxas médias de homicídios cal-

*Alan Azevedo Pereira dos Santos,
Glauber Cassimiro Santos Guirra,
Laércio Evangelista de Souza. **

culadas no período entre 2003 a 2007. Observa-se que neste período o número de homicídios registrados na cidade de Itabuna saltou de 100 no ano de 2003 para 174 em 2007, já na cidade de Ilhéus saltou de 51 no ano de 2003 para 113 em 2007. Esses dados revelam sensíveis alterações nas taxas de violência homicida, com expressivo aumento verificado num curto espaço de tempo e sugerem uma diminuição da qualidade de vida da população dessas cidades.

Nos dois últimos anos (2008 e 2009) as cidades de Itabuna e Ilhéus apresentaram oscilações consideráveis nas suas taxas de homicídios, tendo a primeira registrado 128 e 153 homicídios, já a segunda 114 e 118. Salienta-se que mais de 70% desses homicídios estão ligados direta e indiretamente ao consumo e/ou tráfico de drogas ilícitas, sobretudo o crack, e as principais vítimas são adolescentes e jovens adultos que vivem nas áreas desassistidas pelo poder público onde predominam condições precárias de vida.

Referência

WASELSELFISZ, J. J. Mapa da Violência 2010: Anatomia dos Homicídios no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2010.

* Alunos do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC).

¹Um tumulto na Casa de Detenção do Complexo de Carandiru, na zona norte de São Paulo, originou a intervenção das forças policiais que deixou um saldo de 111 mortes segundo os dados oficiais. Esse fato ficou conhecido internacionalmente como "Massacre do Carandiru"



EDITORIAL

O Boletim Informe Geográfico - BIG está em nova configuração, mais páginas, mais conteúdo, e com os já tradicionais espaços Geo-Poesia e Geo Caça-palavras. Em sua vigésima edição, o BIG prestigia uma série de temáticas relevantes à Ciência Geográfica e contempla uma seção especial uma coletânea de estudos sobre o bairro Salobrinho, situado na cidade de Ilhéus-BA, próximo a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Somam-se produções de estudantes e pesquisadores da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

No artigo de capa desta nova edição, o estudo de Alan Azevedo, Glauber Guirra e Laércio Souza revela o assustador aumento da violência urbana, em especial das taxas de mortalidade por homicídios nas cidades médias brasileiras, com destaque para o estudo de caso das cidades de Itabuna e Ilhéus localizadas na região Sul da Bahia. Esse artigo aponta para uma verdadeira mudança no mapa da violência homicida no país, processo que os autores denominam de “descentralização/interiorização da criminalidade violenta - antes de domínio dos grandes centros urbanos”.

Tema imortalizado nas canções do saudoso Dorival Caymi, os homens e o mar, inspira não somente um convite a contemplação, inspira também a uma investigação geográfica sobre o cotidiano dessa relação. Isso é o que propõe a geógrafa Greiziene Queiroz, que no seu artigo, Homens do mar: território e patrimônio, analisa a territorialidade e o universo simbólico, materializado nos objetos e nas ações do cotidiano da pesca.

Uma análise sobre a importância da floresta amazônica para a conservação ambiental do estado do Maranhão e a intervenção humana que promoveu transformações ambientais, sociais e econômicas é realizada no artigo que aborda ações antrópi-

cas na Amazônia Maranhense, das geógrafas Mariana Monteles e Bianca Fernandes. As autoras apontam uma origem para sérios impactos ambientais e consideram medidas importantes para a preservação e conservação desse ecossistema.

Neste início de século marcado pela incorporação massiva da tecnologia ao universo escolar, Mariana Fernandes, Especialista em Educação a Distância (UNEB), escreve sobre a Educação e aprendizagem on-line como possibilidades ao acesso e democratização do conhecimento. Nesse estudo, a autora considera imperioso o uso das ferramentas síncronas e assíncronas para desenvolver a colaboração, a interação, os embates de ideias no processo de aprendizagem.

A coletânea de textos que compõe a seção dedicada a estudos sobre o bairro Salobrinho reproduz os resultados do censo realizado por estudantes do 6º semestre do Curso de Licenciatura em Geografia da UESC, sob a coordenação da Profª Esp. Tereza Nascimento Torezani, junto à comunidade.

O Boletim Informe Geográfico, dentro de seu caráter pluralista, se pretende um veículo aberto à participação e à construção coletiva do seu conteúdo. Para tanto, trabalha com um Conselho Editorial constituído por pesquisadores e estudantes de Geografia e de Programas de Pós-graduação da UESC. Nesta instância, são discutidas estratégias para viabilizar e manter a periodicidade deste periódico, garantir o cumprimento da sua política editorial, definir colaboradores externos e acompanhar a relação das publicações com o público leitor. Tudo em respeito aos ditames do bom jornalismo acadêmico.

Nessa oportunidade, agradecemos e convidamos os leitores para participar da edição especial de 10 anos do Informe Geográfico, que será publicada no início do ano letivo de 2011 e já está sendo preparada. Participe.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Ação Antrópica na Amazônia Maranhense

A Amazônia maranhense ou pré-Amazônia, corresponde ao extremo leste do domínio Amazônico. Segundo Feitosa (1983), seus limites são imperfeitos, sendo correta a interpretação de que esta formação vegetal abrange toda a área maranhense de clima tipicamente amazônico.

O Maranhão foi incorporado à Amazônia Brasileira pela lei 1806 de 6 de janeiro de 1953, reconhecendo-se, assim, como parte importante deste bioma composto por floresta tropical úmida, matas de cipós, campinas, matas secas. interagindo com campos



Fornos de carvão em atividade na Reserva Biológica do Gurupi (Flagrante feito pelo IBAMA).

inundados de várzeas e babaçus.

Embora seja fundamental para conservação ambiental do estado do Maranhão, a região amazônica constitui-se alvo de ações antrópicas. As atividades que a degradam datam de 1960, quando houve o estímulo à ocupação da área com a abertura de eixos rodoviários ligando o leste ao oeste, o que promoveu transformações ambientais e quebrou estruturas sociais e econômicas pré-existentes (IBGE, 1997).

A implantação das guseiras (empresas que transformam o minério em ferro-gusa, matéria-prima para a produção de aço), a partir 1988, em Carajás, tornou-se um perigo ambiental de enormes proporções nos estados do Pará e do Maranhão. A matéria prima do ferro-gusa é carvão vegetal, o que significa uma imensa pressão sobre a vegetação nativa, já que o reflorestamento existente, com espécies madeireiras destinadas à produção de carvão, é insuficien-

Mariana Monteles da Silva*
Bianca dos Santos Fernandes*

te.

Em 1988, com o Decreto n. 95.614 de 12 de janeiro, foi criada a Reserva Biológica do Gurupi (REBIO do Gurupi), uma das últimas áreas remanescentes da Floresta Amazônica Maranhense.

A extração ilegal de madeira, criação de gado, plantações de milho e arroz são algumas das atividades que, ao longo dos anos, causaram a devastação de pelo menos 60 mil hectares da Reserva. A presença de

madeireiros, pequenos agricultores e fazendeiros na área, bem como as deficiências nas ações de fiscalização e vigilância, facilitam a contínua abertura de estradas, a comercialização e o escoamento ilegal da madeira retirada.

Muniz (2006)

ressalta que diante

da intensidade das ações citadas, não se percebe em um futuro próximo, a possibilidade de interrupção das modificações em curso. Primeiro porque a população local não dispõe de recursos financeiros e tecnológicos para substituir as práticas que geram degradação. Segundo porque a atuação dos órgãos fiscalizadores nem sempre conseguem impedir a ação de madeireiros ou carvoeiros que devastam o que ainda resta de vegetação primária (Figura 1).

Embora exuberante, a Amazônia é um ecossistema vulnerável. As práticas exploratórias realizadas em seu domínio tem causado sérios impactos ambientais negativos. Face a esta problemática, torna-se necessário a adoção de medidas que viabilizem a preservação e conservação deste ecossistema e incentivo à projetos voltados a pesquisa e aplicação de métodos sustentáveis.

Referências:

FEITOSA, A. C. O Maranhão primitivo: uma tentativa de reconstituição. São Luís: Augusta, 1983.

IBGE. Diretoria de Geociências. Divisão de Geociências da Bahia. Zoneamento geoambiental do Estado do Maranhão. Salvador, 1997.

MUNIZ, F. H. A vegetação da região de transição entre a Amazônia e o nordeste: diversidade e estrutura. In: MOURA, E. G. (Org.). Agroambientes de transição: entre o trópico úmido e o semi-árido do Brasil. 2. ed. São Luís: UEMA, 2006.

* Geógrafas (UEMA).



Boletim Informativo do Curso de Geografia – UESC - INFORME GEGRÁFICO - ISSN 1982-8039

Blog: www.informegeografico.blogspot.com - E-mail: informegeografico@gmail.com

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC - Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16. CEP: 45.662-900 - Ilhéus - Bahia - Brasil

Fundador: Saulo Rondinelli Xavier da Silva (abr.2001).

Conselho Editorial: Alan Azevedo Pereira dos Santos (alansantos_18@hotmail.com) – Greiziene Araújo Queiroz (greiziene@hotmail.com) – Jorman dos Santos (jorman@bol.com.br) – Liliane Matos Góes (goes.liliane@yahoo.com.br) – Paulo César Bahia de Aguiar (imperadorblue@yahoo.com.br) – Saulo Rondinelli Xavier da Silva (geoilheus@hotmail.com). Colaboradores: Evilânia Bento da Cunha (evilaniageo@yahoo.com.br) – Valdineia Oliveira dos Santos (valdineia_hist@hotmail.com) – Ricardo Alves (Ricardo.taylor@hotmail.com).

Projeto Gráfico / Diagramação: Marcos Maurício (marcosmauricio.blogspot.com/marcosmauricio@gmail.com).

Impressão: Gráfica da UESC - Revisão: Editus / UESC

Os artigos/textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG.

Consulte as normas de submissão em nosso Blog: informegeografico.blogspot.com

APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO ON-LINE

Em qualquer espaço educativo a aprendizagem é fundamentada, mesmo que inconscientemente, por diferentes epistemologias. Essas epistemologias estudadas pela psicologia, antes ocupavam o espaço de discussão da filosofia e só mais tarde foram aplicadas à educação. As teorias psicológicas que fundamentam o processo de aprendizagem no meio educacional seja ele presencial ou digital sofreram fortes influências das teorias filosóficas desenvolvidas nos séculos XVI e XVII. Nesse sentido, as epistemologias racionalista, empirista e interacionista influenciaram diretamente os estudos das teorias psicológicas da aprendizagem.

A influência dessas bases filosóficas sempre dependeu do desenvolvimento de estudo e do momento de produção do conhecimento. Isso por conta de haver diferentes formas de conceber o fenômeno educativo. Pois este não se configura numa realidade acabada, ao contrário, depende de múltiplos aspectos. Sobre isso nos reportamos a ideias a seguir que se referem ao processo educativo.

É um fenômeno humano, histórico e multidimensional. Nele estão presentes tanto a dimensão humana quanto a técnica, a cognitiva, a emocional, a sócio-política e cultural. Não se trata de mera justaposição das referidas dimensões, mas sim, da aceitação de suas múltiplas implicações e relações (MIZUKAMI, 1986).

De acordo aos estudos existentes sobre ensino/aprendizagem constatamos que sempre há um aspecto privilegiado em detrimento de outro, segundo a uma determinada teoria. As teorias do conhecimento que embasam as correntes psicológicas de aprendizagem, apesar de suas diversidades, possuem como pontos-chaves nas discussões a função de sujeito e de objeto e ainda a relação entre os ambos.

Os empiristas, por exemplo, focam no objeto, entendem que o aprendiz sofre influência determinante do meio, por isso o conhecimento é a cópia do mundo exterior. Assim, o indivíduo

é uma “tábula rasa” sem maturação cognitiva. Já os inatistas, que concentram os olhares para o sujeito, postulam ao contrário dos empiristas, que o conhecimento está pré-determinado pelo sujeito e que o ambiente externo não influencia e sim os estímulos sensoriais do aprendiz. E falando na ótica do interacionismo, vemos uma relação entre sujeito-objeto, em que o conhecimento é entendido como uma complexa construção que implica a interação entre educando e educador.

Dessa maneira, a aprendizagem no mundo digital surge como uma modalidade de educação adequada às novas demandas sócio-educacionais que caracterizam o mundo globalizado e a sociedade contemporânea alicerçada em informações dinâmicas. E essa aprendizagem, que tem sua gênese há alguns anos, mas que constrói sua consolidação na contemporaneidade é influenciada pelas teorias tradicionais. Fato que muitas vezes implica em concepções equivocadas do uso e da compreensão da educação online.

Em sua essência, a Educação on-line configura-se no contexto da epistemologia interacionista, mas como dito, é entendida muitas vezes como reflexo das teorias reducionistas tradicionais. Isso se deve ao fato de dela significar para alguns como a volta da educação tecnicista dos anos de outrora. Apesar de que em alguns casos, devido a certas práticas, isso se configura “verdade”. Essa confusão é parcialmente explicada pela falta de equidade no acesso à informações e aos recursos necessários para o estudo e compreensão das transformações sociais. Por isso, a sociedade sente essas transformações, porém tem dificuldade de adequar-se por estar acostumada com outros referenciais. Fato que dificulta a reconstrução/ressignificação de novos paradigmas.

Nesse sentido, as teorias psicológicas da aprendizagem desenvolvidas no contexto histórico e social do século passado não são suficientes para fundamentar essa modalidade de educação que

subjaz uma aprendizagem dinâmica, colaborativa e cooperativa, em que a mediação ocorre numa relação dialógica entre o binômio homem e tecnologia. Surge então nesse cenário a necessidade de uma epistemologia que explique as peculiaridades da aprendizagem nos espaços virtuais.

Para isso, os autores Pierre Lévy (1993) e Félix Guattari (1999) nos apresentam a teoria da ecologia cognitiva no intuito de levar a adequada compreensão das potencialidades e possibilidades de aprendizagem interagida pelas tecnologias intelectuais. Visto que “ecologia” refere-se às relações, interações e diálogos entre organismos e “cognitiva” a relação com um novo conhecimento, a teoria aqui em discussão propõe o estudo de uma nova dinâmica na relação entre homem, tecnologia e ambiente de aprendizagem, no intuito de estabelecer e compreender outras formas de aprendizagem e construção do conhecimento.

O termo Ecologia Cognitiva surge a partir das discussões sobre a Ecologia da Mente de Guattari et al. “A ecologia cognitiva consiste num espaço interativo de cognição individual em que são construídas e reconstruídas as competências cognitivas” (GUATTARI, 1999). Um espaço onde configuram-se as diferentes formas de conhecer, pensar e aprender. Nessa perspectiva, surge a teoria psicológica ecologia cognitiva para fundamentar o processo de aprendizagem mediada pelas TICs, que por ser tão mais dinâmico e complexo em alguns aspectos, é mister uma teoria específica para a sua compreensão.

Nessa vertente, a aprendizagem on-line, deve enfatizar a interação, cooperação (colaboração) e a construção do conhecimento, ou seja, o discente passa a ser indivíduo gestor e autônomo na edificação do seu saber e do grupo ao qual pertence. É fato que a educação a distância vem passando por um processo evolutivo constante ao longo da sua história. Nos dias atuais, a necessidade de qualificação de recursos humanos e o

Mariana Fernandes dos Santos *

desenvolvimento das tecnologias virtuais, particularmente, a internet, vêm contribuindo para alavancar este processo de ensino-aprendizagem. Contudo, a caminhada rumo a excelência é árdua e repleta de paradigmas que colocam em suspeição a eficácia da educação à distância. Porém, iniciativas implementadas em vários países ratificam o sucesso da educação on-line como uma maneira de democratizar o saber.

Pelo exposto, é urgente que neste contemporâneo modelo de ensino, docentes e discentes devam possuir papéis bem definidos e não simplesmente transpor as aulas expositivas e a situação passiva, respectivamente, do ensino tradicional para o ambiente virtual. É imperioso o uso das ferramentas síncronas e assíncronas para desenvolver a colaboração, a interação, os embates de ideias no processo de aprendizagem e, sobretudo o acesso e a democratização do conhecimento.

Referências:

CASTELLS, M.A. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BECKER, F. A epistemologia do professor: o cotidiano da escola. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUATTARI, F. As três ecologias. Trad: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1995.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Trad: Carlos Irineu da Costa. Ed. 34. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MIZUKAMI, M. G. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

* Graduada em Letras-Ver-náculos (UNEB); Aluna especial do Mestrado em Estudo de Linguagens (UNEB).



NÍVEL DA TAXA DE NATALIDADE: BREVE ANÁLISE DO BAIRRO DO SALOBRINHO - ILHÉUS-BA

O estudo da população é fundamental para podermos verificar a realidade quantitativa e qualitativa da mesma. Para governantes em especial, é de fundamental importância, pois permite traçar planos e estratégias de atuação, além de poder desenvolver um planejamento de interesse social. A população deve ser entendida como um recurso na medida em que representa mão de obra para o mercado de trabalho, soldados para a defesa nacional, dentre outras coisas. Partindo dessa premissa o objetivo desse artigo busca compreender como o nível da taxa de natalidade no bairro do Salobrinho, está associado a diversas vertentes relacionadas ao contexto social, sexual e de planejamento de seus habitantes.

Até recentemente, as taxas de natalidade no Brasil foram elevadas, em patamar similar a de outros países subdesenvolvidos. Contudo, houve sensível diminuição nos últimos anos, que pode ser explicada pelo aumento da população urbana — já que a natalidade é bem menor nas cidades, em consequência da progressiva integração da mulher no mercado de trabalho — e da difusão do controle de natalidade. Além disso, o custo social da manutenção e educação dos filhos é bastante elevado, sobretudo no meio urbano.

Embora esteja o país produzindo pobres e famintos, diminuindo os espaços habitacionais, lotando presídios e casas de recuperação de menores, a verdade, é que ainda é um tabu falar a respeito do controle da natalidade. O controle de nata-

lidade é uma questão bastante discutida e um tanto polêmica. Os pesquisadores, estudiosos, cientistas demonstram relatórios que incentivam o controle de natalidade. No entanto esse controle é direcionado aos países do sul (subdesenvolvidos) e não aos países do norte (desenvolvidos), eles recomendam, mas não praticam, pelo con-



trário, nesses países ocorrem incentivos para que as famílias tenham mais filhos.

O Salobrinho é um dos bairros do município de Ilhéus, localizado no Km 16 da rodovia 415, que liga Ilhéus a Itabuna. Com cerca de 13 mil habitantes, é um bairro carente de infra-estrutura no que diz respeito a saneamento básico, a segurança e a saúde, conta apenas com 2 postos de saúde e um centro de atendimento a recém-nascidos.

Com a elaboração de um questionário entrevistamos mulheres com a faixa etária entre 15 e 75 anos, buscando compreender como o Salobri-

nho se insere na dinâmica sócio-econômica e cultural, que são fatores condicionantes na taxa de natalidade. Feito esta coleta de dados, dividimos as entrevistas em dois grupos: (1°) com uma maior quantidade de filho e (2°) com uma menor quantidade. Essa divisão permitiu uma análise mais detalhada sobre assuntos como

*Davi C. Viana, Isaac da S. Santos, Juvenildes S. S. Soares, Rynaldo E. N. Andrade.**

da concepção e o uso de diferentes práticas anticonceptivas, dos setores progressistas que se engajavam num programa de atendimento integral à saúde reprodutiva, passa a fazer parte da questão dos direitos individuais e fundamenta a noção de direitos reprodutivos”.

De acordo com a pesquisa, 98% das mães fizeram o pré-natal, acompanhamento necessário durante o período de gestação, sendo que maioria fez fora do bairro. O Governo tem políticas assistencialistas à população, e durante a pesquisa nos deparamos com famílias que são contempladas por esses benefícios. Uma ajuda em dinheiro é disponibilizada para cada família, dependendo da quantidade de filhos, e da renda per capita que essa família possui. Esses programas governamentais, no grupo (1) que possui

maior número de filhos, em algumas vezes é visto como um incentivo a se ter mais filho, haja vista que algumas famílias acreditam que com mais um filho, há um complemento na renda.

Referência:

SILVA, S. M. V. Inovações nas políticas populacionais: o planejamento familiar no Brasil. Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales. Universidad de Barcelona. n.69 (25), ago. 2000.

o nível de escolaridade, renda e planejamento familiar, métodos contraceptivos, além de políticas assistencialistas governamentais.

Ambos os grupos já ouviram falar sobre planejamento familiar e métodos contraceptivos, sendo os mais usados, o preservativo e o anticoncepcional por injeção, porém em 64% dos entrevistados fizeram laqueadura de trompas. Cerca de 80% dos entrevistados justificaram que a falta de segurança, dinheiro e saúde, são fatores motivacionais para haver um controle da natalidade.

Na visão de Silva (2000) “o discurso sobre o controle

*Alunos do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC).

SALOBRINHO: UMA ANÁLISE SOCIOESPACIAL SOBRE O ÍNDICE DE MORTALIDADE

A necessidade de conhecer as políticas públicas que minimizam os problemas socioespaciais de uma comunidade torna-se mais evidentes, quando estes vêm através de pesquisas in loco. Portanto este trabalho tem como objetivo central, apontar os fatores determinantes para o número de mortes e a qualidade de vida dos moradores do bairro Salobrinho, zona oeste da cidade de Ilhéus. Para isso, utilizaremos a percepção dos moradores, através de questionários, sendo desconsiderada a versão das autoridades públicas responsáveis pela administração do bairro, tendo em vista que a comunidade é típica de outros bairros periféricos da cidade.

Ouvimos cerca de quarenta moradores da localidade e constatamos os seus medos, angústias e perspectivas em relação ao bairro. Em relação aos medos, a população relata a ascensão do tráfico de drogas. Portanto, destacamos que essa não é a principal causa de óbitos, e sim causas naturais, principalmente doenças como a hipertensão, diabetes, dengue (hemorrágica) e até mesmo cólera.

Muitas vezes, essas mortes não são evitadas, pela falta de instrução de parte da população, que chega a não acreditar na eficácia de determinadas vacinas e medicamentos.

A mortalidade é definida como a ação da morte so-

bre uma população e é um dos componentes centrais da dinâmica demográfica. O ritmo no qual ocorrem os óbitos numa população varia muito entre as diversas regiões do mundo, grupos socioeconômicos, sexo, etc. A maneira como as pessoas morrem é uma boa representação das condições nas quais vivem.

Com o avanço tecnológico ocorrido, sobretudo durante o século XX, possibilitou e possibilita a construção de diversos estudos sobre a mortalidade em escala global. Por meios destes estudos nascem às estatísticas, que são ferramentas importantes que auxiliam a compreensão dos diferentes fatores que causam óbitos, e são usadas pelas entidades de saúde, como aponta (LAURENTI, 1999), as estatísticas sobre mortalidade são usadas em epidemiologia saúde pública como indicador de nível de saúde, em avaliações em programas de saúde e em estudos populacionais visando a comparar as tendências temporais e diferenças geográficas.

No Brasil, a partir da década de 50, as taxa de mortalidade apresentam declínio significativo, sendo reflexo da crescente popularização de medidas de higiene, sobretudo após a segunda guerra mundial, bem como a ampliação das condições de atendimento médico e aberturas de postos de saúde em áreas mais longínquas. A mortalidade infantil no Bra-

sil nas últimas décadas apresenta números decrescentes, sendo resultado das campanhas de conscientização dos órgãos governamentais, participação das gestantes no programas de saúde (pré-natal), e a descentralização dos atendimentos médicos com a construção dos Postos de Saúde da Família (PSF), que atendem a comunidade em seus bairros.

Em contrapartida, entre os adultos e jovens, os estudos apontam crescimento no número de óbitos, que é explicado pelo envolvimento com o tráfico de drogas, acidentes de trânsito, e a negligência com a própria saúde, sendo os homens as principais vítimas nessa faixa etária. Como mostra a pesquisa realizada em 2000, pela Secretaria de Saúde, o homem tem 40% de chances de morrer em relação à mulher.

Por outro lado, a expectativa de vida da população idosa cresce ano após ano, o que pode acarretar sérios problemas para o setor previdenciário, pois muitos destes já fazem parte da população economicamente inativa (PEI). Este crescimento é oriundo da modernização da medicina ao longo dos anos.

Nesse estudo, podemos observar que a participação das famílias do Salobrinho nos programas de vacinação apresenta números satisfatórios, com poucas exceções de cidadãos que se apegam na fé, ou temem os efeitos colaterais dos medi-

*Evânildo Alves de Jesus, Ismael Jesus dos Santos Júnior, Jabes Bispo de Jesus, Pedro Thiago Gomes Nascimento. **

camentos. Existe também o incentivo de profissionais, no sentido de conscientizar os moradores sobre a importância do atendimento médico, sobretudo das gestantes. Por esta razão a mortalidade infantil no bairro apresenta números baixíssimos, quase nulos.

As mortes na comunidade não estão relacionadas com a desnutrição ou déficit alimentar. Existindo alguns casos de privações alimentares que está ligada ao próprio desemprego ou questão de estética. Não se resolverá o problema com ações unilaterais. A comunidade deve se envolver, não apenas cobrando, mas trabalhando em conjunto com os agentes públicos, participando, vencendo os mitos, praticando a cidadania integralmente. Esta é a receita para alcançar os grandes benefícios sociais necessários, não esquecendo as deficiências que são pertinentes a países em desenvolvimento, como o Brasil.

Referência:

LAURENTI, R. O uso em epidemiologia da família de classificações de doenças e problemas relacionados à saúde. Caderno Saúde Pública, v. 15, n. 4, Rio de Janeiro: Fiocruz, out./dez. 1999.

* Alunos do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC)



MOBILIDADE SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO DO SALOBRINHO

A mobilidade social é inerente à própria evolução humana, ela sempre esteve presente em todo decorrer da história sendo a principal atividade humana ocasionada pela necessidade. Porém na atualidade pelas condições fornecidas pelo avanço tecnológico há uma intensificação do ir e vir, se constituindo assim em um tema para análise. O presente trabalho trata de uma pesquisa realizada no bairro do Salobrinho que tem como objetivo discutir e contextualizar a mobilidade social, uma vez que, o referido bairro apresenta um movimento constante da população que se desloca em busca de trabalho ou do ensino superior. A partir de pesquisa bibliográfica, elaboração e aplicação de questionários, apresentamos e contextualizamos essa mobilidade no tempo e no espaço geográfico do Salobrinho discutindo a principal causa geradora desta, assim como as consequências geradas pela mesma.

Enfatizamos e apresentamos aqui os diversos conceitos de Mobilidade Social e as diversas formas que adquirem. A princípio, a questão da mobilidade está inteiramente ligada com o urbanismo e da idéia de “circulação”, onde desde o século XVIII, Lavoisier já iniciava a discussão destes conceitos. A partir daí, o homem passou a ser visto como dependente do ambiente e das condições de moradia. No entanto, a idéia de circulação só foi usada em referência aos deslocamentos dos homens depois de grandes deslocamentos populacionais, ocasionados muitas vezes por antigas revoluções.

A importância da mobilidade para a questão urbanística e consequentemente para a própria idéia de cidade e do modo de vida da sua população foi brilhantemente retratado pelo geógrafo

Max Sorre. Para este autor existe uma clara diferença entre o mundo rural e o urbano e ela reside na força criadora da circulação, que estaria vinculada à existência das cidades e ao seu desenvolvimento histórico. Para Sorre (1984, p.116), participar de uma vida de relações extensas cria esta atmosfera para a qual foram criadas as palavras “civilidade” e “urbanidade”. Para os olhos de um geógrafo, segundo o autor, a cidade não é um acidente da paisagem, “seus traços fisionômicos são a expressão concreta e durável do gênero de vida urbano, dominado pela atividade da mobilidade, oposto aos gêneros de vida rurais”. O gênero de vida é a combinação de técnicas empregadas num determinado lugar, por uma determinada sociedade organizada, para assegurar sua reprodução.

Partindo desta análise, a mobilidade está relacionada às determinações individuais: vontades ou motivações, esperanças, limitações, imposições, etc. Mas a sua lógica apenas se explica através da análise conjunta dessas determinações com as possibilidades reais e virtuais apresentadas pela sociedade e pelo lugar de vida para que ela se concretize, ou seja, levando em conta a organização do espaço, as condições econômicas, sociais e políticas, os modos de vida, o contexto simbólico, e também das características de acessibilidade. Surgindo assim outras variações de Mobilidade Social, como principalmente a da essência humana, onde o homem possui uma grande vontade de se deslocar a fim de conhecer novos horizontes, um novo mundo a ser explorado. Todas estas questões estão atreladas a Mobilidade Social que muitas vezes é vista como a mobilidade das classes sociais, aliás, o mundo em que vivemos requer isto, uma

população precária que recebe serviços precários, sem políticas públicas e o comprometimento dos órgãos públicos em oferecer a essas populações um local digno para sua moradia, com boa estrutura e serviços qualificados como saúde, segurança e educação. E isso está muito semelhante ao que ocorre no bairro Salobrinho, foco principal da nossa pesquisa, onde ao decorrer do estudo, mostraremos os números e resultados obtidos.

Percebe-se que durante toda a história da humanidade, muitas foram as causas da mobilidade social, como questões políticas, religiosas, fenômenos naturais e históricos, sentimentais, dentre outros. Analisando a realidade do Salobrinho, destacam-se como principais causas da mobilidade presente nesse espaço geográfico, as causas econômicas e educacionais. Essas se traduzem no deslocamento constante de pessoas que trabalham nas cidades circunvizinhas e nos grandes deslocamentos de estudantes do ensino superior dessas cidades para essa localidade caracterizando assim uma migração pendular.

Nesse contexto é inquestionável a influência da UESC como geradora de grande parte dessa mobilidade, pendular no bairro, uma vez que, esta é receptora não só de estudantes provenientes das demais cidades, como também de servidores públicos em sua maioria de Itabuna e Ilhéus. No entanto, não podemos nos esquecer das pessoas que moram no Salobrinho, mas que vieram de cidades de outros estados, com toda sua família almejando uma vida melhor.

Como toda ação desenvolvida e gerada pelo homem, a mobilidade social também gera impactos. Seus efeitos se refletem direta ou indiretamente

Bruno Vinhas*
Marly Souza*

nas esferas sociais e culturais do espaço que recebe os emigrantes assim como também se repercute na saúde destes e consequentemente traz danos para os sistemas públicos de saúde.

Dessa forma, muitos são os problemas que surgem por causa da mobilidade social. Na realidade do bairro analisado os efeitos são visíveis principalmente em relação ao espaço físico, porquanto, para atender a demanda de estudantes todos os anos, a UESC vem passando por um processo de expansão, consequentemente isso se torna um obstáculo ao crescimento do espaço físico do Salobrinho o que, por sua vez, leva à ocupação desordenada e ao crescimento verticalizado do bairro.

Para minimizar os efeitos dessa mobilidade do referido bairro, faz-se necessário políticas públicas que visem uma melhora significativa na condição de vida da população principalmente em relação aos transportes, pois a pesquisa realizada revelou que grande parte da população desse bairro utiliza o transporte público, que não atende satisfatoriamente suas necessidades diárias.

Referência:

SORRE, M. La notion de genre de vie et son évolution. In: Les fondements de la géographie humaine. Paris, A. Colin: 1952. Trad: Januário Francisco Megale, Coleção Grandes Cientistas Sociais, n.46, Ática, 1984.

* Alunos do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC)

UESC X SALOBRINHO: MAIS DO QUE UM PONTO DE VISTA, UMA COMPLEXIDADE URBANA

O bairro Salobrinho foi escolhido como objeto de estudo devido, principalmente, a sua localização e complexidade espacial. Para a realização desse trabalho foram realizadas entrevistas com 40 moradores tendo como objetivo investigar a importância e função das relações estabelecidas entre a UESC e a comunidade.

Segundo Tuan (1980), devemos entender o mundo através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do seu lugar. O lugar Salobrinho é um espaço geográfico que se apresenta único perante o olhar e o falar daqueles que ali vivem, pois, diante das dificuldades diárias, têm na UESC um referencial de educação e transformação social o qual fica claro nos diálogos

estabelecidos.

A partir do método fenomenológico, buscou-se compreender através da subjetividade e vivência, a comunidade, expõe não somente respostas, mas também, questionamentos pelos quais simbolizam os anseios da comunidade do Salobrinho, mas especificamente em relação ao papel da UESC, além do ensino, o caráter social.

O bairro Salobrinho, desde a implantação da UESC, vem passando por processos de adequações provenientes de tendências e influências advindas da dinâmica acadêmica que de maneira geral, segundo a maioria dos entrevistados, mostrou ter contribuído para que houvesse uma “melhora na qualidade de vida” e principalmente econômica ligada a alugueis de casas, pensiónatos e estabelecimentos comerciais

que visam na localidade, atender a demanda estudantil.

Portanto, percebe-se que todas estas percepções se simplificam num mesmo posicionamento. Verifica-se assim, a existência de “Correntes e Contracorrentes” impressas nos pontos de vista de seus moradores em meio à complexidade das relações sociais ali presentes, e nesse sentido a presença da UESC torna-se de fundamental importância para essa comunidade.

Uma real compreensão das relações estabelecidas entre o bairro Salobrinho e a UESC deve levar em conta a vivência da população local, ou seja, pensar essa realidade na perspectiva da espacialidade das relações sociais em sua natureza social e histórica.

A comunidade do Salobrinho tenta a cada dia desenhar e rede-

Ramona de Jesus Silva, Rebeca Santana de Oliveira, Verônica Macedo dos Santos.*

senhar seus sonhos, em um espaço que é tão complexo, cheio de valores, de histórias, de incertezas de um passado marcado pela trajetória do cacau, e hoje, também, como mais um espaço de luta que busca ser notado pelas pessoas que ali trafegam as margens da rodovia, desconhecendo seus anseios, medos, sua história.

Referência:

TUAN, Y. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

* Alunas do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC).

ANÁLISE SOBRE O NÍVEL DE ESCOLARIDADE NA COMUNIDADE DO SALOBRINHO: ESTUDO DE CASO

A escolaridade tem despertado um maior interesse nas últimas décadas. Há uma crescente inclinação de estudos sobre sua importância e influência nas características de uma sociedade. Parte desse interesse se deve a visível relação entre grau escolar e sucesso no mercado de trabalho. O princípio dessa crescente atenção voltada para o grau obtido na escola pode estar fundamentado no fato de que há variados salários entre pessoas de acordo com seus diferentes níveis educacionais, deixando de ser apenas uma “composição dos níveis escolares” para tornar-se objeto de grande valor econômico.

Além disso, o grau escolar é um elemento que influi na intensidade da participação das pessoas em atividades políticas e sociais, afetando diretamente na opção de seus representantes públicos. Outro detalhe sobre a escolaridade e talvez o mais importante, é a consolidação da relevância do capital humano no desenvolvimento de um país. É possível afirmar que a escolaridade está intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento de uma nação e até mesmo de uma comunidade. Mas é preciso salientar que pouco adiantará ter uma grande parte da população com ótima média escolar, se não hou-

ver qualidade na educação.

As informações necessárias à realização deste trabalho foram obtidas através de entrevistas concedidas pelos membros da comunidade do Salobrinho. Tais entrevistas ocorreram a partir da aplicação de questionários de múltipla escolha. Contudo, nesta análise, foi levada em conta a expressão oral dos entrevistados, a fim de perceber o comportamento subjetivo destes em relação às condições da educação no local onde vivem. Foram aplicados quarenta questionários em todo o bairro de Salobrinho de forma indiscriminada (em diferentes ruas do bairro e com pessoas de diferentes faixas etárias).

Dessa forma, a análise dos dados se deu de forma qualitativa, objetivando a compreensão das percepções, necessidades e aspirações dos moradores. Segundo Patton (1999), a principal característica das pesquisas qualitativas é o fato de que estas seguem a tradição “compreensiva” ou “interpretativa”. Os questionários foram formulados de modo que pudessem atender a necessidade de se traçar um perfil dos entrevistados, tendo, contudo, a premissa de perceber a realidade da educação na comunidade a partir da perspectiva de cada morador participante da pesquisa.

Com as entrevistas realiza-

das, é possível perceber que boa parte dos participantes tem como característica serem filhos de pais analfabetos ou com pouco grau de instrução. Contudo, é possível perceber o crescente interesse em relação à melhoria no grau de instrução presente na população mais jovem da comunidade, em virtude da relativa melhoria do quadro geral, no que diz respeito a melhores condições ao acesso a educação básica e superior em todo o país. Segundo uma pesquisa do IBGE (2010), com o aumento do número de anos de estudos cresce gradativa e regularmente a proporção de pessoas que participam de atividades políticas ou sociais.

Gradualmente, através de escolas públicas na própria comunidade, os netos e filhos do povoado vão tentando não permanecer na faixa de escolaridade de seus ascendentes e boa parte aspiram um dia poder usufruir do conhecimento renovado dentro da universidade.

De acordo com as pesquisas feitas na comunidade do Salobrinho acerca do seu nível de escolaridade, podemos observar que a maioria do corpo discente é oriundo de escola pública, e que apesar de se localizar próxima a UESC, a maioria dos estudantes não consegue ingressar no nível superior. A maioria da população entrevistada

*Calleb Souza Oliveira, Daniella Blohem Santana, Elton Jaeger, Luan Pereira Silva. **

não possui o nível fundamental, mas devido à reduzida quantidade de pessoas entrevistadas não podemos chegar a definitiva conclusão do nível de escolaridade no Salobrinho, sendo necessário uma pesquisa mais aprofundada da área de estudo. O trabalho realizado servirá como base para um novo estudo sobre o nível de escolaridade desta comunidade e futura comparação dos dados.

Referências

IBGE. Associativismo, Representação de Interesses e Intermediação Política. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/suppme/analiseresultados1.shtm>. Acesso em 23 jul. 2010.

PATTON, M. (1986). *Qualitative evaluation methods*. Londres: Sage Publications. In: Alves, A.J.; Mazzotti; Gewandesznajder F. O método nas Ciências Naturais e Sociais. Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. 2.ed. São Paulo: Afiliada, 1999.

* Alunos do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC)

HOMENS DO MAR: TERRITÓRIO E PATRIMÔNIO

A pesca é uma atividade milenar, que perpassa as três etapas referentes à história do meio geográfico: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional (SANTOS 2006, p.236). Essas etapas podem ser representadas pela arte de pesca praticada pelos índios, por pescadores artesanais e a realizada pela grande indústria pesqueira de alta tecnologia. Ao se apossar do meio geográfico, o pescador territorializa o espaço à medida que projeta no mesmo o trabalho, sendo assim “o território é a prisão que os homens constroem para si” (RAFFESTIN 1993, p.144).

No bojo do território da pesca artesanal, percebem-se as relações de apropriação, produção e de identidade. Essa dinâmica das sociedades pesqueiras se realiza a partir do ter-

ritório usado que cria uma dialética sociedade-natureza “a dialética somente se realiza a partir da natureza valorada pela sociedade” (SANTOS 1999, p.18). Ao valorar o mar como recurso e meio de vida, os pescadores criam territórios, culturas e um saber tradicional que se configura num patrimônio da pesca. De maneira que o mar não é apenas o lugar do trabalho, mas o acontecer da vida.

Para tanto, tomamos como plataforma conceitual no que se refere ao patrimônio, Bailly e Scariatti (2003, p. 62) para os quais “O patrimônio é considerado como um valor herdado dos homens e das mulheres com os quais nós colocamos em prova um sentimento de identidade, de pertença, e que nós desejamos transmitir aos nossos sucessores”.

A tríade pesca-família-economia nos remete a origem do termo patrimônio que Françoise Choay (2001, p.11), declarou estar ligado às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma

sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo, hoje requalificado por diversos adjetivos (cultural, natural, histórico, entre outros). Na realidade, adotamos o patrimônio da pesca numa concepção de herança, legado transgeracional. Essa herança está ligada aos bens materiais (as embarcações e apetrechos de pesca) e imateriais (o modo de pescar, a confecção das embarcações e das redes, as músicas, as histórias, o amor e respeito pela natureza) que traduzem o modo de vida das populações pesqueiras.

As materialidades somadas às imaterialidades produzem um território usado e herdado a partir dos objetos e das ações. Desse modo Bomfim (2005, p.7) pontua “o patrimônio é o resultado de uma dialética entre o homem e seu meio, entre a comunidade e seu território”. Os homens do mar possuem seu próprio universo simbólico, materializado nos objetos e nas ações do cotidiano da pesca. Suas redes, seus barcos, sua arte de pesca, um território, um lugar, o mar.

*Greziene Araiho Queiroz **

Referências

BAILLY, A.; SCARIATTI, R. *Voyage en Géographie*. Trad: Natanael Reis Bomfim. Paris: Anthropos, 2003.

BOMFIM, N. R. O conceito de patrimônio numa perspectiva multidisciplinar: contribuições para uma mudança de enfoque. *Revista Turismo & Desenvolvimento*. São Paulo, vol. 5, n. 1; p. 27-35, 2005.

CHOAY, F. A alegoria do patrimônio. São Paulo, Edunesp, 2001.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. Trad: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. O território e o saber local: algumas categorias de análise. *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro. Ano XIII, n. 2, 1999, p.15-26.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

* Geógrafa (UESC), Mestranda em Geografia (UESC/Unicamp).



GEO POESIA

Adeilan Rocha Oliveira *

Sentimento do Lugar

Oh! Lugar de honrarias piedosas
Sentimentoso, provocador de desencantos individuais
Criador de contingências temerosas
Onde a vida não é feita de cada quais

Oh! Lugar que busca identidade
Emanando o seu valor ao promover o cultural
Muitas vezes segregado da sua verdade
Perdendo espaço para o devastador global

Peço sinceras desculpas por minha indiferença
Estive a ponto de esquecer o seu valor
Deixando-me levar pelo mundo de falsas crenças

Agora estou a apagar as mentiras e o rancor
Despertando para o mundo da solidariedade
E por ti declarando meu amor

* Aluno do Curso de Bacharelado em Geografia (UESC)

NOTAS - NOTAS - NOTAS - NOTAS - NOTAS

O IV Seminário de Educação Geoambiental acontece nos dias 30 de março a 1º de abril de 2011, na cidade de Ipiáu-BA. O evento tem como tema central: "Catástrofes ambientais no Século XXI", e propõe uma reflexão técnico-científica sobre os efeitos dessas catástrofes nos aspectos sociais, políticos e econômicos, através de palestras, mesas-redondas e minicursos. O seu público-alvo é professores da educação básica, estudantes de graduação, pós-graduação e pesquisadores de áreas afins.

A partir dessa edição, o Seminário de Educação Geoambiental se caracteriza como um evento itinerante, e tem o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os trabalhos apresentados serão publicados em Anais (CD-Rom, com ISSN 2178-1915), e os melhores artigos também serão publicados no Boletim Informe Geográfico (impresso, com ISSN 1982-8039).

Os resumos expandidos devem ser enviados para o e-mail informegeografico@gmail.com até o dia **16 de março de 2011**. Os trabalhos serão avaliados de acordo com os critérios estabelecidos no site <http://geoilheus.tripod.com/geoambiental.htm>
OBS: Os trabalhos enviados anteriormente, já aprovados para publicação, não precisarão ser reenviados.

Grupos de Trabalho:

- GT 1** Educação Ambiental, biodiversidade e a divulgação da natureza pela mídia;
- GT 2** Tecnologias aplicadas a Educação Geoambiental;
- GT 3** Educação Ambiental: princípios, metodologias e atitudes;
- GT 4** Turismo, Educação e Meio Ambiente;
- GT 5** Políticas Públicas e conservação da biodiversidade;
- GT 6** Preservação, reflorestamento e desenvolvimento sustentável;
- GT 7** Educação para o consumo sustentável;
- GT 8** Turismo, cultura e educação patrimonial.

Informações e sugestão de minicursos:
informegeografico@gmail.com

D	I	N	W	J	J	G	L	O	X	O	H	W	S	H
D	T	A	T	I	B	A	H	R	C	W	H	X	C	D
V	T	Y	X	W	S	S	Y	M	J	X	I	W	A	S
V	W	J	P	Y	P	K	R	L	I	F	L	P	D	Y
M	B	S	S	A	D	X	L	H	D	P	É	N	R	S
H	F	R	A	F	U	M	G	N	A	B	I	S	U	V
U	A	L	L	O	O	D	S	U	D	T	A	F	V	O
T	P	M	D	B	A	S	I	D	B	F	I	J	L	W
M	K	T	J	T	D	X	A	X	U	L	M	O	I	R
B	O	C	Y	O	L	V	O	H	T	Y	I	R	O	K
W	V	S	A	F	I	A	B	A	V	R	L	K	X	L
Y	X	P	V	M	U	P	A	L	Q	O	R	K	P	Y
T	C	X	V	I	G	E	T	A	Q	F	N	B	D	O
D	O	M	L	F	V	V	K	W	U	W	D	M	X	C
A	P	A	L	I	F	Ó	R	B	M	O	T	E	B	J

GEO CAÇA-PALAVRAS

- Vegetação com flores em espigas cilíndricas, que ocupam brejos e margens de rios;
- Denominação dada à grande floresta equatorial amazônica;
- Local onde vive um organismo. A destruição ou modificação desses espaços é, de longe, a primeira causa de perda da biodiversidade;
- Grupo de espécies partilhando requisitos de recursos ecológicos e estratégias de forrageio semelhantes e que, por isso, têm papéis parecidos na comunidade;
- Floresta cuja ocorrência se dá em ambientes com sombras e no qual a umidade é alta e constante ao longo do ano.

Respostas do Geo Caça-palavras da edição anterior (Ano X, nº 19): Ecossistema; Estado; Cautinização; Xenofobia; Advéção.